

Património Imaterial



Inv. :
PROC/0000000232

Denominação: Festa das Cruzes do Guardão

Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Categoria: Festividades cíclicas

Outras denominações: Festa da Ascensão; Festa do Abraço; Ladainhas do Guardão

Contexto tipológico: A Festa das Cruzes do Guardão enquadra-se nos rituais cíclicos que celebram a renovação da natureza, bem presente nas ladainhas deambulatórias, e nas manifestações de carácter religioso de culto a Nossa Senhora dos Milagres/ Nossa Senhora do Guardão.

De periodicidade anual, em Quinta-Feira de Ascensão (tradicionalmente celebrada quarenta dias depois da Páscoa), esta manifestação mobiliza as comunidades de quatro freguesias (Castelões, Santiago de Besteiros, Campo de Besteiros e Guardão - concelho de Tondela, distrito de Viseu) e une as gentes da Serra do Caramulo e do vale num ritual singular do Abraço das Cruzes - com forte carga simbólica e sagrada - em cumprimento da promessa feita pelos antepassados.

A Festa das Cruzes traduz-se numa grande celebração, preparada com ladainhas e orações deambulatórias nos três dias que antecedem a Festa. No dia da Festa, os rituais são: as ladainhas em São Bartolomeu, no Monte Cramol; o Abraço das Cruzes no adro da Igreja Matriz do Guardão; a Bênção dos Campos e a Missa Solene no espaço envolvente da Igreja Matriz.

Publicado na internet

Contexto de Produção

Contexto social

Tipo	Nome
Comunidade	Comunidades da Serra do Caramulo e do Vale de Besteiros, em especial do Guardão, de Castelões, de Santiago de Besteiros e do Campo de Besteiros
Grupo	Os Mordomos do Senhor
Grupo	As Fábricas das Igrejas Paroquiais
Grupo	As Comissões das Capelas
Indivíduo	Os paroquianos, individualmente, o pároco de cada paróquia e cada pessoa que acompanha as festividades

Especificações COMUNIDADE(S)

A Festa das Cruzes envolve as comunidades da Serra do Caramulo e do Vale de Besteiros, em especial do Guardão, de Castelões, de Santiago de Besteiros e do Campo de Besteiros, no concelho de Tondela, Viseu. As populações dos concelhos limítrofes, por tradição, também acorrem ao Guardão no dia da Ascensão para participar nos vários momentos da Festa.

GRUPO(s)

Nesta manifestação, podemos destacar três grupos:

- Os Mordomos do Senhor (seis membros);
- As Fábricas das Igrejas Paroquiais (cada uma com sete membros), enquanto pessoas jurídicas não colegiais a quem pertencem todos os bens e direitos destinados à conservação, à reparação e à manutenção dos templos e ao exercício do culto;
- As Comissões das Capelas das freguesias do Guardão, de Santiago de Besteiros, de Campo de Besteiros e de Castelões (cada uma com um ou dois membros), que são responsáveis pela guarda dos bens a elas afetos e pela defesa dos valores e dos interesses que representam.

No Guardão, os Mordomos do Senhor são os principais responsáveis pela realização da Festa. José Fernandes (2022) explica que quando se aproxima o final do mandato, que tem a duração de um ano, cada mordomo indica um outro indivíduo da comunidade que esteja disponível para continuar a tradição. Isto porque é com antecedência que vão auscultando a comunidade para perceber quem está disposto a fazer parte deste grupo e quem tem, simultaneamente, o perfil adequado. Ainda de forma informal, convidam os potenciais novos mordomos para um almoço e aí é feito o convite formal para serem Mordomos do Senhor. São empossados nas cerimónias religiosas do Corpo de Deus (sessenta dias depois da Páscoa).

Os membros da Fábrica da Igreja Paroquial do Guardão são fundamentais para a realização da Festa das Cruzes e colaboram com os Mordomos do Senhor em todo o processo da Festa. O mesmo se aplica à Fábrica da Igreja Paroquial de Castelões e à Fábrica da Igreja Paroquial de Campo de Besteiros. São as Fábricas da Igreja que se responsabilizam pelos paramentos e pelo património móvel necessários à realização da Festa.

Além das igrejas paroquiais, as capelas dispersas pelas quatro freguesias diretamente ligadas a esta manifestação também participam no dia da Festa das Cruzes com, pelo menos, uma cruz. São elas: Nossa Senhora do Campo (Campo de Besteiros), Senhor do Calvário (Campo de Besteiros), São Brás (Ribeira, capela velha), Nossa Senhora da Penha (Muna), Santa Bárbara (Lourosa), Santa Eufémia (Barrô), São Marcos (Santiago), Santo António (Pedronhe), São Simão (Figueiral), Santo António (Vila de Rei), Nossa Senhora do Livramento (Múceres), Nossa Senhora da Conceição (Rocio), Nossa Senhora da Piedade

(Cortiçada), Nossa Senhora da Saúde (Cortiçada), Santa Margarida (Coelhoso), Nossa Senhora de Fátima (Coelhoso), Santuário do Sagrado Coração de Maria (Cruzes), São Bartolomeu (Guardão), São Sebastião (Janardo), Nossa Senhora da Boa Esperança (Caramulo), Santa Margarida (Caramulo), Nossa Senhora da Conceição (Caselho), Menino Jesus (Jueus), Santo António (Cadraço) e Santa Luzia (Carvalhinho). Cabe às Comissões das Capelas providenciar o enfeite da respetiva cruz e assegurar que há pessoas para levá-la, bem como às duas lanternas e ao Pendão do Padroeiro, ao Guardão no dia da Ascensão.

INDIVÍDUO(S)

Os paroquianos, individualmente, e o pároco de cada paróquia são importantes para que a Festa das Cruzes do Guardão aconteça, assim como cada pessoa que acompanha as festividades.

Um dos traços distintivos desta manifestação é o modo como as cruzes são enfeitadas e, por isso, merecem destaque todas as pessoas que ainda armam (ou asseiam) as cruzes, nomeadamente “à maneira tradicional”, com grinaldas, pérolas e ouro, como são os exemplos, entre outros, de Maria da Conceição Matos, Ilda Gouveia, Maria Emília de Sousa Ribeiro. Há ainda a referir Horácio Clemente Alvéolos, o armador que veste a Cruz do Figueiral com “o que a Terra dá”. Pelas suas particularidades, esta cruz é sempre esperada com expectativa por todos os que participam nesta Festa.

Contexto territorial

Local Guardão

Classificação geográfica Portugal.

NUTs Dão-Lafões

Contexto temporal

Data(s) A Festa das Cruzes acontece na Quinta-feira da Ascensão (quarenta dias depois da Páscoa) ou no sábado seguinte (como aconteceu em 2022).

Periodicidade Anual

Caracterização

Caracterização síntese

A Festa das Cruzes do Guardão, tradicionalmente realizada no Dia da Ascensão (quarenta dias depois da Páscoa), é uma manifestação religiosa cristã multissecular que, ao remeter para os valores da solidariedade e da fraternidade, enraíza o sentido de comunidade entre as freguesias participantes.

A sua génese dilui-se entre o real e a lenda, levando-nos até ao tempo da Reconquista Cristã, quando a região estava ora sob o domínio árabe, ora sob o domínio cristão. Sendo constantes as pilhagens realizadas pelos mouros, a freguesia do Guardão invocou o auxílio das freguesias de Santiago de Besteiros, do Campo de Besteiros e de Castelões e, unidas sob a proteção divina, expulsaram os invasores, garantindo a sua segurança, a dos seus bens e a das suas culturas.

Gerou-se então um laço de gratidão e um sentido de união muito fortes e, desde há séculos, as freguesias cumprem, coletivamente, “a promessa antiga” de recordar o momento da vitória e de agradecer as graças divinas.

No Dia da Ascensão, as comunidades de Santiago de Besteiros, do Campo de Besteiros e de Castelões, manhã cedo, sobem a escarpa oriental da Serra do Caramulo com cruces enfeitadas com grinaldas, pérolas e ouro e dirigem-se para a Capela de São Bartolomeu, local onde terá acontecido a luta contra os mouros e, posteriormente, para a Igreja Matriz do Guardão.

O itinerário entre a Capela de São Bartolomeu e a Igreja Matriz do Guardão, com paragem a meio do caminho na Capela de São Sebastião, é ancestral e, em grande parte, é percorrido ao som das ladainhas (oração cantada com rogação ao Santíssimo, à Virgem e aos santos, com o responsório repetitivo).

A Freguesia do Guardão, anfitriã eternamente grata, aguarda, junto à Igreja Matriz, as restantes freguesias para abraçar com as suas cruces, uma a uma, as cruces que aquelas trazem consigo. A singularidade desta manifestação reside no momento em que as cruces se tocam repetindo o Abraço do “tempo da memória”, em que o povo se abraçou por ter conseguido, com ajuda divina, expulsar os mouros.

Findo o cerimonial do Abraço das Cruzes, as quatro freguesias, com as suas cruces, deslocam-se em procissão para o local onde se realiza a Missa Campal e a Bênção dos Campos. Findas estas, as quatro freguesias rearmam a Procissão das Cruzes (reorganizam hierarquicamente a procissão) e dirigem-se para a Capela de São Sebastião, onde termina o ritual.

Nos três dias que antecedem a Ascensão, as comunidades preparam a Festa das Cruzes com ladainhas e rogações que percorrem os campos e as aldeias circundantes, cujas reminiscências remontam aos rituais cíclicos de celebração da natureza.

O carácter lúdico e profano da Festa acontece num recinto próximo da Igreja Matriz do Guardão.

Ao longo de dois ou três dias, desde a Quinta-Feira da Ascensão até ao sábado ou domingo seguintes, conjuntos musicais em camiões-palco animam as noites e a tarde da celebração da Ascensão. Como defende o Padre António Duarte (2022), “não somos só seres espirituais. Somos seres com corpo que é preciso alimentar”. E o alimento vem, também, das várias bancas de farturas e de “comes e bebes” que se instalam no recinto da “festa civil”, e da música que convida à dança, num convívio alegre e salutar.

As noites são animadas por conjuntos musicais e bandas pop, enquanto a tarde da celebração da Ascensão (quinta-feira ou sábado) é reservada à animação cultural com ranchos folclóricos e grupos de cantares.

A Rua Principal, da Capela de São Sebastião até à calçada romana, enche-se de vendedores ambulantes. Vende-se um pouco de tudo: desde farturas e churros a meias e calçado. É a dimensão profana que alimenta a dimensão religiosa, ou vice-versa.

Caracterização desenvolvida

José Ribeiro dos Santos (2015, p. 69), antigo Pároco do Guardão, descreve a Festa das Cruzes como sendo uma “manifestação de fé e gratidão” e coloca a sua sobrevivência na “promessa dos antepassados que os descendentes souberam e sabem cumprir, esperamos que até ao fim dos séculos”.

Esta manifestação cultural e religiosa tem a sua maior expressão na Quinta-Feira da Ascensão, mas podemos assinalar o Dia do Corpo de Deus (sessenta dias depois da Páscoa) como o início da preparação do ritual.

O CORPO DE DEUS: O Início da Preparação da Festa das Cruzes do Guardão do Ano Seguinte Vinte dias depois da Ascensão, no Dia do Corpo de Deus, a Paróquia do Guardão apresenta a Mordomia do Senhor. Depois da celebração da missa, antes da procissão do Corpo de Deus, cada um dos seis mordomos, em funções até ali, despe a sua capa, a sua opa, e coloca-a no novo mordomo, passando-lhe a responsabilidade de continuar a tradição ancestral.

Segundo o Padre António Duarte (2022), Pároco do Guardão e líder dos mordomos, “há uma investidura que não é feita pelo pároco; é feita pelos mordomos que fazem passar a sua capa, confiam a sua tradição àquele que estão a investir e que terá a responsabilidade de a continuar.” Com a igreja cheia de fiéis, a nova Mordomia do Senhor é apresentada à comunidade e inicia a sua função, transportando o pálido e acompanhando o pároco na Procissão do Corpo de Deus. Neste gesto, a tradição passou de ano para ano até aos nossos dias.

Carlos Lopes (2022), mordomo em 2021, diz que ser mordomo é não só “uma honra”, mas é

também pertencer a uma família. Cabe à Mordomia fazer o peditório, percorrendo a Serra do Caramulo, e coordenar a comunidade para que a tradição se cumpra: as Ladainhas Menores, a Festa das Cruzes e o agradecimento à Nossa Senhora do Campo, no dia de São Lourenço (10 de agosto), participando na procissão e nas cerimónias religiosas na Capela de Nossa Senhora do Campo, no Campo de Besteiros.

AS LADAINHAS

Fazem parte da Festa da Ascensão as Ladainhas Menores, ou rogações deambulatórias, e a Ladainha Maior, que decorre no dia da Ascensão e que é também conhecida por Ladainhas do Guardão.

AS LADAINHAS MENORES

As Ladainhas Menores, que se enquadram nos ritos ancestrais ligados ao ciclo agrícola, realizavam-se outrora nas quatro freguesias participantes no decurso dos três dias que antecedem a Ascensão. Em 2022, celebraram-se apenas nas freguesias do Guardão e de Castelões, tendo participado entre trinta a cinquenta pessoas em cada ladainha. Nas freguesias do Campo de Besteiros e de Santiago de Besteiros, já não se realizam há décadas, estando a sua memória quase perdida entre a população.

Estas ladainhas deambulatórias, ou rogações, assumem a forma de procissões e procuram obter a intercessão do Santíssimo, de Nossa Senhora e de todos os santos na proteção da terra, das sementeiras e da saúde de cada um. Em comunidade, o ritual repete-se por percursos e espaços já consagrados pela tradição, com início na Igreja Matriz e término num local simbólico, e permite reforçar os laços de solidariedade.

“Temos de participar nas ladainhas!”, dizem-nos as irmãs Isabel e Lurdes Ferreira (2022). E explicam: “Os mais novos não vêm e se não insistirmos, a tradição perde-se. E se não houver as ladainhas, a Ascensão já não é a mesma coisa” (Ferreira, 2022).

No entender do Padre Alcides Vilarinho (2022), “as ladainhas são uma preparação da Ascensão, porque a Festa termina com a Bênção dos Campos (hoje significando a bênção do trabalho)”. Segundo ele, “no Guardão, as ladainhas são mais um trajeto, um percurso em crescendo até São Bartolomeu - onde no Dia da Ascensão se encontrarão as outras três paróquias. É como se o Guardão fosse a caminhar, em três dias, aumentando o caminho, até chegar ao ponto onde começa a Festa (São Bartolomeu)” (Vilarinho, 2022).

Segundo Luís Marques (2022, p. 7), o entoar das ladainhas “caracteriza-se por sucessivos atos únicos, irrepetíveis, desprovidos de exatidão mecânica”. De facto, apesar de serem textualmente similares, cada freguesia imprime um tom diferente à ladainha que entoa, havendo até uma certa competição entre elas, sobretudo no dia da Festa das Cruzes, momento em que as Ladainhas Menores dão lugar à Ladainha Maior.

PERCURSOS DAS LADAINHAS MENORES

a) Ladainhas Menores de Castelões (documento anexo PROC/000000232/FD/301)

1.º dia: a Ladainha tem início na Igreja Matriz de Castelões e segue até à Capela de Múceres, sendo formada pelo pároco e pelos fiéis e encabeçada pela cruz paroquial. A procissão desarma (desmobiliza) junto ao cruzamento para o Santuário do Coração de Maria e rearma (reorganiza-se) na entrada da aldeia de Múceres (documento anexo PROC/000000232/FD/302).

2.º dia: a Ladainha tem início na Igreja Matriz de Castelões e segue até à Capela do Coelho. Neste percurso, a procissão desarma no lugar de Eiras e rearma na entrada da aldeia do Coelho (documento anexo PROC/000000232/FD/303).

3.º dia: a Ladainha percorre o trajeto que medeia entre a Igreja Matriz de Castelões e a Capela de Vila de Rei. É interrompida junto à escola primária de Castelões e retomada na Quinta da Cruz (documento anexo PROC/000000232/FD/304).

b) Ladainhas Menores do Guardão (documento anexo PROC/000000232/FD/309)

1.º dia: a Ladainha, formada pelo pároco e pelos fiéis e encabeçada pela cruz paroquial, parte da Igreja Matriz do Guardão e segue até ao Cruzeiro do Cemitério, contornando-o para regressar à Igreja Matriz, onde finaliza (documento anexo PROC/000000232/FD/310).

2.º dia: a ladainha tem início na Igreja Matriz do Guardão, passa o Cruzeiro do Cemitério e a estrada romana e finaliza na Capela de São Sebastião (documento anexo PROC/000000232/FD/311).

3.º dia: a ladainha tem início na Igreja Matriz do Guardão, passa pelo Cruzeiro do Cemitério e

desarma junto à Capela de São Sebastião, sendo retomada nas proximidades da Capela de São Bartolomeu. Termina depois de circundar o Cruzeiro de São Bartolomeu e retornar à capela homónima (documento anexo PROC/0000000232/FD/312).

Como é visível nos mapas, os percursos entre os pontos em que as ladainhas desarmam e rearmam são longos. Por isso, hoje em dia, são maioritariamente feitos em viaturas automóveis, ao passo que antigamente eram percorridos a pé.

O ASSEIO DAS CRUZES: A Técnica do Enfeite das Cruzes

Na semana que antecede a Festa, é tempo de assear as cruzes. Tantas quanto cada freguesia puder. Por isso, os portadores das cruzes, por promessa, por devoção ou por tradição, pedem emprestadas as cruzes das igrejas e capelas dos arredores e procuram quem faça o asseio das mesmas.

Atualmente, esta tarefa é realizada por três mulheres e um homem, que repetem os gestos que viram fazer às suas mães ou aos seus vizinhos.

Segundo Moisés Espírito Santo, “as cruzes devem levar a maior quantidade possível de joias: cordões, anéis, alfinetes, pulseiras, colares de pérolas... dependuradas e essas joias não podem ser falsas. As joias não pertençam aos que ostentam as cruzes, e muitas nem sequer são de gente da região. Os que se propõem levar as cruzes vão pedir as joias emprestadas aos ourives ou a quantos as tenham, na região e fora dela, porque quantas mais e mais preciosidades levar, mais o rito tem valor e eficácia” (Espírito Santo, 1988, p. 98).

Nos últimos tempos, a par de algumas cruzes asseadas com flores e com frutos, a maioria ainda é asseada “à moda antiga” com ouro e joias. É um processo moroso, feito aos serões, e já são poucos os que aceitam esta tarefa.

Ao longo dos anos, algumas famílias chegaram a especializar-se no asseio das cruzes e a azáfama dos dias que antecediavam a Ascensão era uma fonte de rendimento importante no parco orçamento familiar. Atualmente, poucas pessoas dominam a arte do assear “à moda antiga” (documento anexo PROC/0000000232/FD/271) e, por isso, muitos portadores de cruzes recorrem a floristas que as adornam com arranjos florais.

Luís Costa, com 50 anos, participa na Ascensão desde que se lembra. Em 2022, por promessa, com a ajuda dos dois filhos, levou uma cruz. Fez questão que fosse asseada “à maneira tradicional”. Desde a tomada da decisão de levar a cruz até ao Dia da Ascensão, teve de cuidar de vários pormenores: reservar uma cruz da capela ou da igreja, visitar amigos e familiares para pedir ouro emprestado e encontrar quem soubesse assear a cruz e estivesse disponível para o fazer.

Apesar de o aspeto final ser muito semelhante, cada uma das mulheres que hoje asseia as cruzes a pedido de terceiros tem a sua técnica própria.

Maria da Conceição Matos aprendeu a arte com um senhor chamado José Barbeiro e há mais de trinta anos que asseia as cruzes. No Guardão já só resta ela. Possui três estruturas de ferro - ou aros como lhe chama - que dão para três cruzes e todos os anos inicia o processo de raiz, forrando o metal com fita branca antes de colocar o ouro, as silvas de rosas (expressão utilizada para designar as grinaldas) e as pérolas. A ciência, diz-nos ela, está na forma como é colocado o ouro: “O ouro tem de ficar livre, bambolear e sobressair no meio do branco” (Matos, 2022).

Depois de forrar a estrutura, começa o trabalho minucioso de prender o ouro de forma equilibrada. Só depois de bem preso, coloca as silvas a cobrir o aro. Com engenho e perspicácia, arranhou um banco pesado, com um buraco no centro, onde coloca a cruz para que esteja fixa e acessível enquanto a asseia. São necessárias, no mínimo, duas pessoas para assear uma cruz e, ainda assim, quatro horas é o tempo mínimo necessário para concluir esta tarefa (Matos, 2022) (documento anexo PROC/0000000232/FD/014).

Ilda Gouveia já tinha visto a mãe e a irmã a assearem as cruzes, mas nunca tinha asseado nenhuma até 2022. Mordoma de Santa Eulália, padroeira da Freguesia do Campo de Besteiros, que outrora se designava Santa Eulália, não se conformou com o facto de a paróquia não levar cruzes asseadas “como antigamente” (Gouveia, 2022). Mandou vir as silvas do norte do país e pediu a um ferreiro amigo que lhe fizesse três estruturas. Comprou metros de fio de pérolas e recolheu ouro e medalhas douradas. Mandou também fazer um banco corrido, com três orifícios para sustentar as cruzes e, durante noites e noites, foi fazendo e desfazendo, repetindo os gestos que vira fazer e improvisando outros. Na véspera da Ascensão, era uma mulher feliz. Tinha seis cruzes asseadas e Santa Eulália cumpriria a promessa de acordo com a tradição (Gouveia, 2022) (documentos anexos PROC/0000000232/FD/019 e PROC/0000000232/FD/016).

Maria Emília de Sousa Ribeiro aprendeu a arte com a mãe e desde pequena ajuda a assear as cruces. Ao contrário de outras armadoras, mantém as estruturas forradas com a fita e enfeitadas com as grinaldas e as pérolas de ano para ano, embrulhadas em lençóis brancos e enfiadas em grandes sacos pretos (Ribeiro, 2022). Na semana que antecede a Ascensão, retira as estruturas, ajeita as grinaldas e retifica o que se danificou. Só depois coloca o ouro, com mestria. As suas cruces, assegura, irão sempre à Ascensão e assim será “enquanto puder” (Ribeiro, 2022) (documentos anexos PROC/0000000232/FD/017 e PROC/0000000232/FD/015).

De entre as cruces, há uma que se destaca: a do Figueiral. Durante mais de quarenta anos, Clemente Ferreira vestiu a cruz da Capela de São Simão, sita na aldeia do Figueiral, com produtos naturais e assim a exibia na Ascensão. Quando deixou de o fazer, a Cruz não mais saiu.

Ano após ano, no Dia da Ascensão, Horácio Clemente Alvéolos ia ouvindo, pesarosamente, as pessoas a perguntar por aquela cruz antiga e decorada com elementos naturais que costumava vir do Figueiral (Alvéolos, 2022). Quando os netos cresceram e ganharam força para carregar o pendão e as lanternas que ladeiam a cruz, o Senhor Horácio fez o “prometimento” de, enquanto puder, enfeitar a cruz e levá-la à Ascensão (Alvéolos, 2022). Sendo vizinho de Clemente Ferreira, tinha, ao longo dos anos, aprendido como devia selecionar os frutos da terra e assear a cruz. Conhecia, pois, todos os truques e todos os cuidados a ter para vesti-la e mantê-la com todos os “enfeites” no longo percurso da Festa das Cruzes (Alvéolos, 2022) (documentos anexos PROC/0000000232/FD/041 e PROC/0000000232/FD/043).

Para cumprir a promessa, a família Alvéolos vai recolhendo e conservando, ao longo do ano, todos os frutos que serão colocados na cruz, já que ela é asseada com tudo o que se dá por aquelas terras: castanha, amêndoa, bolota, physalis, avelã, pinhão, nozes, gão de bico, feijão, fava, ervilha, cenoura, courgette, beringela, maçã, pera, pêsego, laranja, limão, kiwi, marmelo, cereja, melão, banana, morango, batata, cebola, alho, azeitona, figo, milho, centeio, trigo, cevada... Para a “trindade da cruz”, guardam a parte praganosa do trigo, da cevada e do centeio que cultivam para este efeito. As sementes são colocadas de molho durante um dia para conseguirem passar a agulha e fazer enfiadas que funcionam como fios de pérolas e de ouro. É importante sublinhar que, por norma, os frutos e legumes frescos são apanhados muito pequenos, na maioria das vezes ainda verdes, por serem leves e facilitarem o transporte da cruz, e nas vésperas da Ascensão, para não apodrecerem (Alvéolos, 2022).

A estrutura de ferro que serve de suporte para os enfeites e que encaixa na cruz é a mesma que Clemente Ferreira usava. Todos os anos, com a aproximação do Dia da Ascensão, é necessário aprontá-la: limpá-la de qualquer vestígio dos enfeites do ano anterior, forrá-la novamente com fita verde e preparar a cola, a agulha e a linha utilizadas para prender cada um dos enfeites (Alvéolos, 2022). Ao longo de uma semana, depois do horário de trabalho, todo o tempo da família é dedicado ao asseio da cruz: a esposa, Celeste Alvéolos, segura-a sobre uma cadeira, funcionando esta de suporte, Horácio Alvéolos dá as indicações e a filha de ambos coze e cola os produtos na estrutura. Quando terminado, o resultado é examinado cuidadosamente, não vá faltar um dos frutos que a terra tão generosamente lhes dá. Se faltar, correm aos campos, mesmo que falem apenas algumas horas para partir para a Festa das Cruzes (Alvéolos, 2022) (documento anexo PROC/0000000232/FD/040).

Segundo o Padre Alcides Vilarinho (2022), Pároco de Castelões, paróquia à qual pertence a aldeia do Figueiral, a cruz do Figueiral é a mais genuína porque traduz o que se celebra na Festa das Cruzes: abundância, trabalho, vida digna.

AS FLORES: Mais de Quinze Canastras de Pétalas e Muitos Metros de Passadeira Florida Aromatizam e Dão Mais Cor à Celebração

Como reminiscências dos rituais e cultos naturalistas e vegetativos, de celebração da Primavera e de consagração da natureza, as flores estão presentes em todo o ritual da Ascensão: os tapetes de flores, à entrada das capelas, aquando das Ladainhas Menores; a longa passadeira de flores com mais de duzentos metros que se estende do Marco do Abraço até ao espaço da Missa Solene Campal; os muitos cestos de pétalas de rosas que são lançadas a cada Abraço.

Por esta altura, o Caramulo resplandece de cor e, no dizer do Cónego José Ribeiro dos Santos (2015, p. 41), “é um grandioso e deslumbrante tapete de Arraiolos”.

Dias antes da Festa das Cruzes, as mulheres organizam-se e vão pela serra procurar e colher flores. Nos quintais, há canteiros de flores plantadas para as jarras dos altares dos santos e para a Ascensão. Em todas as casas há roseiras, de todas as variedades e cores e que se vão replicando de jardim em jardim. De véspera ou manhã cedo, as mulheres colhem as pétalas que colocam em

grandes cestos de Nandufe e que, depois, alinham junto ao Marco do Abraço. Com a passadeira feita e os cestos cheios de pétalas, já pode tocar o sino (documento anexo PROC/000000232/FD/206). É o dia da Ascensão!

A LADAINHA MAIOR: Pela Manhã, no Monte Cramol, Dá-se Início à Celebração da Ascensão Na Quinta-Feira da Ascensão (ou no sábado seguinte, como aconteceu em 2022), logo pela manhã, o Monte Cramol (nome pelo qual também é conhecido o lugar da Capela de São Bartolomeu) é o palco performativo onde se alinham as três freguesias com os seus pendões, lanternas e cruzeiros asseadas (enfeitadas) com ouro, pérolas e grinaldas naturais e artificiais. A ordem do alinhamento das três freguesias, isto é, a ordem de partida, antigamente era assinalada por elementos naturais existentes na paisagem. Mais tarde, foram colocados marcos de pedra com o nome de cada freguesia que identificam os pontos de reunião e delimitam o espaço sagrado (documentos anexos PROC/000000232/FD/159, PROC/000000232/FD/169 e PROC/000000232/FD/178).

Cada freguesia forma o cortejo no seu lugar predeterminado. Primeiro os pendões, seguidos da cruz paroquial ladeada por duas lanternas; perfilam-se depois cada uma das restantes cruzeiros, sempre ladeadas por duas lanternas; o pároco segue atrás da última cruz, acompanhado pelos fiéis e paroquianos. Quando erguem os pendões e as cruzeiros, o padre eleva a voz e clama “Kyrie, eleison, Christie, eleison” e todos respondem “ora pro nobis” ou, na maioria das vezes, apenas num ô-ô-ôô-ôô-ôô, ôô-ôô-ôô continuado. Armada, a procissão dirige-se à Capela de São Bartolomeu, entra e sai em direção ao Cruzeiro de São Bartolomeu, de onde se avista a Igreja Matriz de Castelões. Por tradição, o padre ajoelha-se na base do Cruzeiro e, em seguida, invoca São Salvador, o orago de Castelões, cantando três vezes “Salvator Mundi tende miserere”, invocação à qual o povo responde com “ora pro nobis” (documentos anexos PROC/000000232/FD/007, PROC/000000232/FD/166 e PROC/000000232/FD/177).

A primeira freguesia a iniciar este ritual é a de Santiago de Besteiros, seguindo-se a do Campo de Besteiros e, por fim, a de Castelões, todas ecoando as suas ladainhas individualmente enquanto, ao longe, no Guardão, soam os sinos. Junto ao Cruzeiro, compreende-se a força e a importância da fé e uma comoção apodera-se de quantos veem e ouvem o pároco clamar “Salvator Mundi, Salvator Mundi, Salvator Mundi” e as dezenas de vozes a elevarem-se, cheias de enternecido sentimento na invocação “Miserere Nobis, Miserere Nobis, Miserere Nobis” (Duarte, 2022, p. 61). Findo este ritual, cada uma destas três freguesias ruma ao Guardão e, pela ordem natural (Santiago de Besteiros, Campo de Besteiros e Castelões), rearmam a procissão junto à Capela de São Sebastião e percorrem a rua até alcançarem o troço da calçada romana e entrarem no adro da Igreja Matriz, onde a freguesia anfitriã aguarda para agradecer a cada uma através do ritual do Abraço das Cruzes. As ladainhas acompanham todo o percurso, cada ritual, cada gesto (documentos anexos PROC/000000232/FD/195, PROC/000000232/FD/196, PROC/000000232/FD/197, PROC/000000232/FD/008 e PROC/000000232/FD/021).

Segundo Núbia Marques (2009), “a musicalidade das ladainhas tem atraído a atenção dos musicógrafos, na medida em que a simplicidade melódica, o dinamismo da reiteração monótona, acabrunhadora e melancólica, tem o poder de reduzir os ouvintes a um estado apático e doloroso de quietismo, resignação e arrependimento contrito.” Com efeito, ouvindo estas ladainhas, dificilmente percebemos o que é dito. Mais importante do que a correção da frase “ora pro nobis”, quase impercetível, é a musicalidade impressa na resposta à invocação dos santos. Acreditamos que a maioria não sabe, não conhece, a expressão latina que repete nestas ladainhas. Mas, pelo fervor religioso, pela entoação melódica, sabe que está a rogar a Deus e aos santos que intercedam em seu favor. E enquanto “ouvinte”, o que mais impressiona na vivência das Ladainhas Menores e da Ladainha Maior é a musicalidade, a música feita de vozes que ecoa e que torna a serra um lugar sagrado.

Moisés Espírito Santo refere que estas ladainhas identificam-se com os prantos sírios. Segundo ele, “as mulheres entoam uma espécie de litania surda e desordenada, mais gemido incompreensível do que ladainha, de que apenas se ouve um ôô-ôô-ôô, ôô-ôô-ôô, como um lamento continuado” (Espírito Santo, 1988, p. 98), lembrando o choro ritual executado pelas mulheres e que era o antigo fundamento do ritual fenício, dos prantos sírios.

Para Ilda Gouveia (2022), “o momento em que as cruzeiros chegam ao cimo da calçada romana, com o ouro a reluzir em todo aquele branco das grinaldas e das pérolas, e se ouve o povo todo a cantar é muito emotivo. Não há coração que não se aperte nem olhos que não chorem”.

O ABRAÇO DAS CRUZES: O Gesto Ancestral

Com a procissão rearmada junto à Capela de São Sebastião, cada freguesia dirige-se para o local do encontro, o Marco do Abraço, situado no adro da Igreja Matriz do Guardão. É um percurso com cerca de um quilómetro e, das janelas e varandas engalanadas com colchas de linho, são atiradas pétalas de flores à passagem de cada cruz.

Prolongando-se pela calçada romana, o cortejo de cada freguesia para e aguarda pelos anfitriões que os vêm receber. O Pároco do Guardão coloca cerimoniosamente a Capa de Asperges (paramento litúrgico sacerdotal utilizado para ocasiões especialmente importantes na vida da paróquia, como as bênçãos solenes e as procissões) sobre o pároco da freguesia visitante e investe-o do poder de presidir ao ritual. Em seguida, anfitriões e visitantes colocam-se defronte uns dos outros, organizados em pares de trios (um portador da cruz e dois portadores de lanternas), ficando o Marco do Abraço no meio. O trio anfitrião inclina-se em reverência e em agradecimento e os portadores das cruzes apoiam os pés das mesmas sobre o Marco do Abraço, a marca pétreia incrustada na calçada já gasta pela repetição secular deste ritual. É o momento do Abraço das Cruzes. Os portadores dos pendões cumprem também este ritual, embora sem o acompanhamento das lanternas. Um pormenor importante é que cada cruz trazida pelas freguesias visitantes é abraçada por todas as cruzes da freguesia anfitriã. Ao longo de todo este cerimonial, mãos-cheias de pétalas são lançadas pelas mulheres (documentos anexos PROC/000000232/FD/011, PROC/000000232/FD/229, PROC/000000232/FD/009, PROC/000000232/FD/010, PROC/000000232/FD/220 e PROC/000000232/FD/233).

Num artigo publicado em 1968 na Folha de Tondela, Zé Publicano descrevia assim o Abraço das Cruzes: “Ao encostarem-se as cruzes forasteiras às cruzes locais, todos os peitos se encontram, cruzando-se dores e alegrias, num amplexo tão suave tão sincero, que só lágrimas de emoção que nunca deixaram de falar em muitos olhos”.

Quando uma freguesia visitante conclui o abraço das suas cruzes, dirige-se, acompanhada pelo respetivo pároco e pelo Pároco do Guardão, para o interior da Igreja Matriz, tendo então início uma curta oração em honra de Nossa Senhora dos Milagres. Terminada esta, o Pároco do Guardão dirige-se novamente para o Marco do Abraço para receber a freguesia visitante seguinte (documentos anexos PROC/000000232/FD/224 e PROC/000000232/FD/239).

Quando a terceira e última freguesia visitante sai da Igreja Matriz, os portadores de cruzes, de lanternas e de pendões das restantes freguesias iniciaram já o seu posicionamento na procissão que os levará até ao local onde decorrerá a Missa Campal e a Bênção dos Campos (documentos anexos PROC/000000232/FD/248, PROC/000000232/FD/250 e PROC/000000232/FD/012). É uma longa procissão que quase ocupa todo o percurso entre a Igreja Matriz e o altar da Missa Campal. É importante referir que é neste momento que a Nossa Senhora dos Milagres é retirada, no seu andor belissimamente enfeitado com flores, do interior da Igreja Matriz para ser levada para junto do altar da Missa Campal.

A PROCISSÃO: Cumprida a Promessa Antiga, Nossa Senhora dos Milagres Junta-se às Cruzes. Outro ponto alto desta festividade é a Procissão das Cruzes que reúne as quatro freguesias, depois do ritual do Abraço das Cruzes. É um momento solene, de comunhão, que afirma que a promessa antiga foi mais uma vez cumprida. É o primeiro momento do ritual em que as quatro freguesias erguem juntas as suas cruzes.

Segundo a ordem natural, a procissão é encabeçada pelos pendões, cruzes e lanternas de Santiago de Besteiros. Seguem-se os pendões, cruzes e lanternas de Campo de Besteiros, de Castelões e do Guardão. Às cruzes, junta-se o andor da Padroeira do Guardão, a Nossa Senhora dos Milagres (ou Nossa Senhora do Guardão), seguido dos párocos das quatro freguesias. A banda filarmónica fecha a procissão e o público e os fiéis juntam-se em cortejo (documento anexo PROC/000000232/FD/013). É uma longa procissão que ocupa quase todo o percurso que medeia a Igreja Matriz do Guardão ao altar da Missa Campal.

No final da celebração da Missa Campal e da Bênção dos Campos, pela mesma ordem, a procissão é rearmada. Com fervor e devoção, erguem-se os pendões, as cruzes e as lanternas. O andor de Nossa Senhora dos Milagres ocupa o seu lugar, seguido dos párocos das quatro freguesias. A banda filarmónica marca o ritmo da procissão. Num percurso longo e sinuoso, a procissão solene passa pela Igreja Matriz e pelo Cruzeiro do Cemitério, sobe a calçada romana, dirige-se à Capela de São Sebastião, contorna-a e regressa, pelo mesmo caminho, até à Igreja Matriz, concluindo-se, desta forma, a Festa das Cruzes.

Ao longo de toda a manhã, mais de duas mil pessoas participam no ritual da Festa das Cruzes em

cumprimento da “promessa antiga”.

O AGRADECIMENTO AOS VIZINHOS E ÀS DIVINDADES

Embora possa haver motivações diferentes, a tradição oral repete que, em forma de agradecimento, a Cruz Paroquial do Guardão participa na procissão do Corpo de Deus de Castelões e nas festividades em honra de São Lourenço, no Campo de Besteiros. António Marques Martins (2022), membro da Mordomia do Senhor em 2022, diz que é como levar o “testemunho da Ascensão às paróquias aqui à volta”.

A participação na procissão de São Lourenço é um marco importante no calendário religioso da freguesia do Guardão. Os participantes saem da Igreja Matriz em procissão até Janardo. Aí desarmam para voltar a armar no lugar da Arrifana, onde já são esperados pelos participantes do Campo de Besteiros e de Castelões. Em conjunto, deslocam-se em direção à Igreja Matriz do Campo de Besteiros, de invocação a Santa Eulália, onde entram e fazem uma pequena oração. Retomam, de seguida, posição em direção à Capela de Nossa Senhora do Campo e, uma vez lá chegados, dão três voltas à mesma antes de entrar para assistir à celebração da missa. No final, dirigem-se para o Largo de São Lourenço, onde convivem e partilham a refeição.

O CARÁCTER LÚDICO E PROFANO

Ao cimo da calçada romana, nas imediações do recinto da Igreja Matriz do Guardão, um largo com árvores de grande porte é o recinto apropriado para instalar o palco, mesas e cadeiras que servem de apoio aos “comes e bebes” e acomodar os vendedores ambulantes que, ao longo de dois ou três dias, animarão a vila.

Além da organização da celebração religiosa da Festa das Cruzes, os Mordomos do Senhor dedicam grande parte do seu tempo à preparação da festa “civil” e à iluminação da vila. Quem sobe ou desce o Caramulo, por estes dias, não consegue ficar indiferente às grandes e ornamentadas estruturas luminosas à entrada e saída da vila que assinalam a Festa das Cruzes. Também as ruas principais são iluminadas, à maneira das festas e arraiais populares, e os carros das farturas, das pipocas e do algodão doce enchem o ar de aromas festivos muito antes de ter início a animação musical.

Ao fim do dia, amigos, familiares, conhecidos ou vizinhos rumam a Guardão para confraternizar à volta da mesa, com chanfana de cabrito confecionada em caçoilos de louça negra de Molelos ou suculentas sandes de porco no espeto, tudo regado com vinho da região. Aproveita-se para fazer algumas compras junto dos feirantes que, anualmente, continuam a montar a sua banca ao longo da Rua Principal. Cerca das 21:30, os conjuntos musicais ou bandas pop começam a sua atuação. O camião-palco, munido de potentes colunas de som, impõe a música no recinto e, com a conversa dificultada, prazerosamente os que ali estão se entregam à dança ou ficam a ver e a bater com o pé, ao ritmo das músicas que (quase) todos conhecem.

Depois do Abraço das Cruzes e terminada a celebração da Ascensão, (quinta-feira ou sábado) a tarde é reservada ao alimento do corpo (Duarte, 2022): almoços prolongados com ementas festivas, reunindo as famílias, ou o que há no recinto da festa, como porco no espeto, frango assado ou cabrito. Nas salas de jantar das casas ou debaixo das copas das árvores do recinto da festa, reinam a alegria, boa disposição e confraternização ao som dos ranchos folclóricos e dos grupos de cantares.

A promessa antiga foi mais uma vez cumprida e é tempo de se celebrar o povo que honra os seus antepassados.

Origem/Historial

A Ascensão ou Festa das Cruzes do Guardão acontece desde tempos imemoriais e, dizem as gentes, repete-se anualmente “porque é tradição”.

No início do século XVIII, Frei Agostinho de Santa Maria (1716, p. 385) atestava que a existência desta Festa era secular: “Dizem por tradição antiga, e confiantes, que hum dia da Asceção do

Senhor tomarão os moradores daquelas quatro freguesias aos Mouros hua fortaleza, que tinham no sítio onde hoje se vê a ermida de São Bartolomeu e que em acção de graças se dera princípio àquellas procissões, que hoje continuam”. Esta versão é repetida pelo povo e justifica as promessas individuais - “enquanto puder, vou levar a cruz à Ascensão” - que sustentam a promessa coletiva.

Moisés Espírito Santo (1988, p. 98) considera que a Festa das Cruzes é um ritual de origem hebraica, argumentando que o ritual de se apresentar no santuário com joias emprestadas remete para os primórdios dos tempos bíblicos e que as celebrações que acontecem no Caramulo se identificam com os prantos sírios. Para atestar esta origem hebraica apresenta três razões, sendo a terceira a mais interessante: 1) a “Ascensão”, o dia desta concentração das cruzes, é a subida de Moisés ao Sinai; 2) a Festa das Cruzes (geralmente a 3 de maio) pode ser uma festa criptojudáica, comemorando simultaneamente a saída do Egito que, segundo a tradição histórica, foi a 3 de maio; 3) os antigos Hebreus, quando se apresentavam nos locais de culto, que eram terreiros no cimo dos montes, ornavam-se com joias que pediam emprestadas aos vizinhos ou, se eram escravos, aos senhores, considerando que assim ataviados agradavam mais facilmente à divindade. Segundo o mesmo autor, se a ostentação de joias emprestadas, sobretudo na igreja, é um costume contrário à cultura rural portuguesa, por ser considerado vaidade, logo, um dos pecados capitais, “o rito do Caramulo” escapa, portanto, à lógica desta cultura vigente, o que permite reforçar a sua identificação com o costume semita (Espírito Santo, 1988, p. 99).

Todavia, a explicação que mais ouvimos para a origem da Festa das Cruzes relaciona-se com a lenda associada à expulsão dos mouros de um castelo-fortaleza existente no Monte Cramol, local onde hoje se ergue a Capela de São Bartolomeu. Diz a lenda que, há muitos, muitos anos, tantos que se perdem na memória do povo, já toda esta área da Serra do Caramulo e do Vale de Besteiros era rica em cereais, azeite, citrinos, vinho e caça. Era, por isso, muito cobiçada pelos mouros que, frequentemente, invadiam as terras para as (re)conquistar e pilhar os cereais, o azeite e o vinho que os lavradores levavam o ano inteiro a semear, a amanhoar e a colher.

A dada altura, houve uma seca muito grande e os agricultores perderam quase todas as sementeiras. Até as laranjeiras perderam a flor antes de se tornar fruto e os cachos, nas vinhas, mirraram antes de serem uva. Viviam-se um tempo de desespero perante a antevisão da fome que os consumiria no inverno seguinte. Um dia, pelos vales e pela encosta da serra, ecoava o toque a rebato do sino do Guardão. O castelo-fortaleza do Monte Cramol tinha sido tomado pelos mouros e as gentes do Guardão estavam cercadas. O povo das freguesias do Campo de Besteiros (cuja designação antiga era Santa Eulália), de Santiago de Besteiros e de Castelões acudiram a este pedido de auxílio e, munidos de arcos, de enxadas, de forquilhas e de cruzes feitas de madeira avançaram sobre o inimigo. A batalha foi dura e muito longa e os cristãos estavam já sem forças e quase a sucumbir. Mas, num repente, ergueram ao céu as cruzes que levavam para afugentar os infiéis e invocaram o nome de Deus: “Salvador do Mundo, Olhai por nós”. Animou-os, então, uma força vinda não se sabe de onde e, em pouco tempo, conseguiram vencer os mouros e expulsá-los do território. Por intercessão divina, tinham saído vitoriosos da batalha.

Os cristãos correram à Igreja Matriz do Guardão para agradecer a Deus e, pelo caminho, abraçavam todos os que encontravam. Chegados à Igreja Matriz, prometeram que todos os anos viriam com as cruzes e repetiriam o abraço da unidade e da fraternidade.

É, pois, a tradição oral assente nesta lenda que move estas comunidades a cumprir a “promessa antiga, até ao fim dos tempos”, mesmo quando foi proibida pela Igreja. Uma das proibições mais recentes traduziu-se na Pastoral de 17 de maio de 1938 do Bispo D. José Moreira Pinto que proibia “a realização de qualquer festa religiosa que tenha acoplada à mesma arraiais de índole popular, fogos-de-artifício e outras diversões, sejam elas de véspera ou no dia, não importando a distância, a que elas ocorrem” (Duarte, 2022, p. 142). A pastoral proibia também a atuação de bandas de música, tunas ou filarmónicas dentro dos templos (Duarte, 2022, p. 142).

Segundo Luís Costa (2022), o conflito que opôs a Igreja Católica ao povo e às autoridades locais, ao proibir a realização da Festa, está ainda muito presente na memória de todos e reforçou a ligação e o apego das pessoas. Conta o povo, e repete-o Luís Costa, que a Festa nunca foi interrompida, mesmo após a proibição. Sem pároco e com as capelas e igrejas de portas fechadas, o povo continuou a subir a serra, a cumprir o percurso e a entoar as ladainhas (Costa, 2022). Em 1938, a Festa aconteceu por acaso porque a interdição tinha sido divulgada poucos dias antes da Ascensão e nem todos tinham tido conhecimento dela. Foi assim que o Júlio de Janardo se apresentou no Campo de Besteiros com a cruz asseada para o cumprimento da promessa. Entrou no adro da Igreja Matriz e encontrou-o vazio. As portas do templo estavam fechadas. Ao

vê-lo com a cruz, aproximaram-se outras pessoas e, lideradas por António Marques Carrapiço (que viria a ser excomungado), decidiram subir a serra para fazer a ladainha em São Bartolomeu e o Abraço das Cruzes no Guardão, como sempre acontecera. Ao longo de nove (ou mais) anos, repetiram o ritual, cada vez com mais pessoas, em total respeito e devoção, sem padre, sem missa e com as igrejas e capelas fechadas.

Embora fosse apontado pelo povo como conivente com o Bispo de Viseu, o Cónego José Ribeiro dos Santos, com alguma antecedência, todos os anos lhe pedia audiência para solicitar a revogação da interdição, sem êxito. Em meados do século XX, com a cumplicidade do Padre Nogueira, conseguiu levantar a interdição e retomar a Festa na sua plenitude. Desde então, apenas foi interrompida em 2020 e em 2021, quando irrompeu a Pandemia de Covid-19 e o Governo da República Portuguesa decretou o Estado de Emergência que obrigava ao confinamento.

Em 2022, a celebração da Festa das Cruzes foi retomada com uma alteração muito importante: ser realizada no sábado a seguir à Quinta-Feira da Ascensão e não neste dia. Há muito que a população e os párocos das quatro freguesias acalentavam esta alteração que permitiria a participação de pessoas que, à quinta-feira, estão a trabalhar ou a estudar. Os dois anos de interregno permitiram ouvir as comunidades e, por maioria, decidiu-se experimentar e realizar a celebração no sábado. Contudo, esta alteração não foi bem aceite por todos, havendo quem considerasse que a tradição estava a ser desvirtuada. Perante o elevado número de participantes, muitos dos quais jovens ou participantes pela primeira vez, quem inicialmente se mostrou contra e desagradado reconheceu que a alteração também trazia aspetos positivos. Por seu lado, os párocos das quatro freguesias comprometeram-se a continuar a ouvir a população e a experimentarem soluções que permitam a vivência da Festa por parte de todos, sempre com a preocupação de manterem a essência da celebração.

Contexto de Documentação

Data 2023-5-18

Entidade Vera Margarida Coimbra de Matos

Responsável Vera Margarida Coimbra de Matos

Função Técnica Superior no Museu Terras de Besteiros - Museu Municipal de Tondela

Observação Documentação da Relevância da manifestação

Direitos de Propriedade Intelectual

Direito à Imagem

Protecção de Dados Pessoais

Bibliografia

Bibliografia

Páginas

1. BIBLIOGRAFIA (monografias e fontes)

- ARRAIS, António Jorge do Nascimento, 2012, *Arqueologia das Terras de Besteiros: contributos para a carta de património do concelho de Tondela* (dissertação de mestrado). Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ARRAIS, António Jorge do Nascimento, 2021, *Contributos para a Revisão do Plano Diretor Municipal do Município de Tondela* (Arqueologia). Tondela, Gabinete de Património Cultural e Arqueologia, documento inédito arquivado na Câmara Municipal de Tondela.
- ARRAIS, António Jorge do Nascimento; SIMÕES, Fernando; COSTA, Luísa, 2022, *Contributos para a 2.ª Revisão do Plano Diretor Municipal do Município de Tondela* (Património Arquitetónico). Tondela, Gabinete de Património Cultural e Arqueologia, documento inédito arquivado na Câmara Municipal de Tondela.
- BORGES, Inês da Conceição do Carmo, 1994, *A Festa das Cruzes no Guardão* (trabalho académico). Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique, 2010, *As freguesias do distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: memórias, história e património*. Braga, José Viriato Capela.
- CARVALHO, Amadeu Ferraz de, 1981, *A Terra de Besteiros e o actual concelho de Tondela* (esboço histórico e toponímico). Tondela, Câmara Municipal de Tondela .
- COSTA, António Carvalho da, 1706, *Corografia Portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...* Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, tomo II.
- DUARTE, Joaquim Calheiros, 2019, *A religiosidade entre o Vale de Besteiros e a Serra do Caramulo: memória(s) do sagrado e profano* (dissertação de mestrado). Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DUARTE, Joaquim Calheiros, 2022. *Festas das Cruzes e de Nossa Senhora do Campo: memória(s) do sagrado e profano*. S.l., Caderno Século.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés, 1988, *Origens orientais da religião popular portuguesa | seguido de ensaio sobre a toponímia antiga*. Lisboa, Assírio & Alvim .
- FERROS, Luís; FERROS, Manuel; LEITÃO, Rui do Amaral, 2017, *Concelho de Tondela: heráldica, história, património*. Lisboa, Colibri.
- LUCAS, Carlos Brandão (realização), 1991, *Viagem ao maravilhoso: os Mouros* (registo audiovisual). Portugal, RTP 1.
- MARTINHO, António Manuel Matoso, 1985, *O concelho de Tondela: história e património*. Tondela, Associação de Defesa e Propaganda do Concelho de Tondela .
- OLGA, Teresa (realização), 1982, *Memórias dum povo: a Festa das Cruzes* (registo audiovisual). Portugal, RTP 1.
- PEDRO, Ivone; VAZ, João Inês; ADOLFO, Jorge, 1994, *Roteiro arqueológico da Região de Turismo Dão Lafões*. Viseu, s.n..
- PEREIRA, Joaquim Duarte, 2016, *Caramulo: a magia das serras e das gentes*. Tondela, Câmara Municipal de Tondela .
- PINHO LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de, 1873, *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, tomo I.
- RODRIGUES, Susete Filipa Lopes Pereira, 2005, *A arte da talha no concelho de Tondela: do Maneirismo ao Neoclássico*. Tondela, Câmara Municipal de Tondela.
- S. MARIA, Frei Agostinho de, 1716, *Santuário Mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora...* Lisboa, António Pedrozo Galram, tomo V.
- SANTOS, José Ribeiro dos, 2015, *Monstro fabuloso adormecido: acorda, irrompe e urbaniza*. Castelo Branco, RVJ Editores.
- VELOSO, António José de Barros, 2019, *Caramulo: ascensão e queda de uma estância de tuberculosos*. Lisboa, By the Book.

2. BIBLIOGRAFIA (online)

BEIRÃO, Zé, 2020, “Município de Tondela candidata Festa das Cruzes às 7 Maravilhas de Portugal”. In O Beirão Online, 10 de março de 2020, URL: <http://obeirao.pt/online/2020/03/10/municipio-de-tondela-candidata-festa-das-cruzes-as-7-maravilhas-de-portugal/>.

BEIRÃO, Zé, 2022, “Festa das Cruzes no Inventário Nacional do Património Cultural e Imaterial da UNESCO”. In O Beirão Online, 31 de maio de 2022, URL: <http://obeirao.pt/online/2022/05/31/festa-das-cruzes-no-inventario-nacional-do-patrimonio-cultural-e-imaterial-da-unesco/>.

“Câmara de Tondela quer inscrever Festa das Cruzes no Inventário Nacional”. In Notícias de Viseu, 31 de maio de 2022, URL: <https://www.noticiasdevisau.com/camara-de-tondela-quer-inscrever-festa-das-cruzes-no-inventario-nacional/>.

Direção-Geral do Património Cultural, “SIPA, Sistema de Informação para o Património Arquitectónico”. URL: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx.

“Festa das Cruzes”. In Página eletrónica do Município de Tondela, 3 de junho de 2011, URL: <http://cm-tondela.pt/index.php/municipio/noticias/item/1380-festa-das-cruzes>.

“Festa das Cruzes”. In Página eletrónica do Município de Tondela, 2 de maio de 2013, URL: <https://www.cm-tondela.pt/index.php/municipio/noticias/item/1938-festa-das-cruzes>.

“Festa das Cruzes”. In Blog da Biblioteca da EB do Caramulo, 26 de abril de 2016, URL: <https://bibliotecacaramulo.wordpress.com/2016/04/26/25-de-abril-de-1974/>.

“Igreja: Guardão, na Serra do Caramulo, celebra «Festa das Cruzes»”. In Ecclesia, 27 de maio de 2022, URL: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-guardao-na-serra-do-caramulo-celebra-festa-das-cruzes/>.

Instituto Nacional de Estatística, “Censos 2021 - resultados definitivos”. In Página eletrónica do INE, URL:

https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_dados_finais&xpid=CENSOS21&xlang=pt.

“Município de Tondela candidata Festa das Cruzes às 7 Maravilhas de Portugal”. In Emissora das Beiras, 10 de março de 2020, URL: <https://emissoradasbeiras.pt/municipio-de-tondela-candidata-festa-das-cruzes-as-7-maravilhas-de-portugal/>.

“Turismo religioso - Festas das Cruzes - Guardão”. In Página eletrónica do Município de Tondela, 12 de maio de 2010, URL: <http://cm-tondela.pt/index.php/municipio/noticias/item/1026-turismo-religioso-festa-das-cruzes-guardao>.

3. BIBLIOGRAFIA (periódicos)

- | | |
|---|-------|
| “A Ascensão: Festa das Cruzes”. In Caramulo, maio de 1993. | 1 |
| “A Festa da Ascensão”. In A Beira, 31 de maio de 1930. | 8 |
| “A Igreja do Guardão”. In Ecos da Serra, 15 de abril de 1950. | 1 e 3 |
| “A Igreja do Guardão. Continuação do n.º 18”. In Ecos da Serra, 15 de maio de 1950. | 2 |
| “A Igreja do Guardão. Continuação do n.º 18”. In Ecos da Serra, 1 de junho de 1950. | 2 |
| “A nossa Festa”. In Caramulo, junho de 1990. | 1 e 4 |
| CARVALHO, Amadeu Ferraz de, 1942, “Vias romanas no concelho de Tondela”. In Beira Alta, volume I. | 37-44 |
| CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lendas e Narrativas: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 3 de fevereiro de 1929. | |
| CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lendas e Narrativas: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 17 de fevereiro de 1929. | 2 |
| CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 3 de março de 1929. | 2 |
| CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 7 de abril de 1929. | 2 |
| CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 21 de abril de 1929. | 212 |
| CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 5 de maio de 1929. | 2 |
| CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 26 de maio de 1929. | |

- CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 23 de junho de 1929.
- CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 4 de agosto de 1929.
- CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 8 de setembro de 1929.
- CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 22 de setembro de 1929.
- CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 6 de outubro de 1929.
- CÉSAR, José Júlio, 1929, “Lenda e Narrativa: a Procissão das Cruzes”. In Ecos do Caramulo, 20 de outubro de 1929.
- CÉSAR, José Júlio, 1969, “Folhetim: A Cruz, símbolo da dor e da fé. Lenda e Narrativa”. In 4
Folha de Tondela, 3 de maio de 1969.
- CÉSAR, José Júlio, 1969, “Folhetim: A Cruz, símbolo da dor e da fé. Lenda e Narrativa”. In 4
Folha de Tondela, 10 de maio de 1969.
- CÉSAR, José Júlio, 1969, “Folhetim: A Cruz, símbolo da dor e da fé. Lenda e Narrativa”. In 4
Folha de Tondela, 24 de maio de 1969.
- CÉSAR, José Júlio, 1969, “Folhetim: A Cruz, símbolo da dor e da fé. Lenda e Narrativa”. In 4
Folha de Tondela, 7 de junho de 1969.
- CÉSAR, José Júlio, 1969, “Folhetim: A Cruz, símbolo da dor e da fé. Lenda e Narrativa”. In 4
Folha de Tondela, 21 de junho de 1969.
- CÉSAR, José Júlio, 1969, “Folhetim: A Cruz, símbolo da dor e da fé. Lenda e Narrativa”. In 4
Folha de Tondela, 12 de julho de 1969.
- COSTA, Luís, 2021, “Festa das Cruzes, Festa da Ascensão.” In Folha de Tondela, 13 de maio de 2021.
- “Diversas”. In Folha de Tondela, 13 de maio de 1923.
- “Festa da Ascensão”. In Ecos do Caramulo, 1 de junho de 1930.
- “Festa da Ascensão”. In Caramulo, maio de 1991. 1 e 4
- “Festa da Ascensão na freguesia do Guardão”. In Folha de Tondela, 15 de maio de 1921. 1
- GRAÇA, Soares da, 1940, “A Igreja do Guardão”. In Folha de Tondela, 14 de abril de 1940.
- J. M. R., 1967, “Festa da Ascensão ou das Cruzes”. In Folha de Tondela, 30 de abril de 1967. 1 e 6
- MARTINHO, António Manuel Matoso, 2005, “O concelho de Tondela - dos finais do século XVI aos inícios do século XX: aspectos demográficos e económicos”. In Dom Jaime - Cadernos de Cultura, volume 4. 27-47
- MENDES, João, 1930, “Taramelando: pater, dimitti illis!...”. In A Beira, 31 de maio de 1930. 2-3
- “Palavras para quê?”. In Caramulo, maio de 1992. 1
- PÓVOA, António da, 1969, “Festa imponente no Guardão”. In Folha de Tondela, 10 de maio de 1969. 1 e 6
- PÓVOA, António da, 1988, “Quinta Feira da Ascensão”. In Caramulo, abril de 1988. 1
- PUBLICANO, Zé, 1968, “Festa da Ascensão ou das Cruzes no Guardão”. In Folha de Tondela, 18 de maio de 1968. 1 e 5
- “Quatro freguesias, uma festa”. In Caramulo, maio de 1995. 1
- REAL, Mário Guedes, 1947, “Pelourinhos da Beira Alta”. In Beira Alta, volume VI. 123-141
- RIBEIRO, Silva, 1938, “Festas e arraiais”. In Folha de Tondela, 12 de junho de 1938.
- SOUSA, Ondina Marques de, 1990, “Quinta Feira da Ascensão”. In Caramulo, maio de 1990. 4
- TAVARES, Celso, 1949, “Vestígios pré-históricos de Besteiros: o Castro de S. Bartolomeu”. In 351-Beira Alta, volume VIII. 365
4. BIBLIOGRAFIA (adenda)
- MATOS, Vera, 2019, O Museu do Caramulo. Constituição do núcleo original da coleção (dissertação de mestrado). Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra .

MARQUES, Núbia, 2009, "Ladainha". In E-Dicionário de Termos Literários, 30 de dezembro de 2009, URL: <https://edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/ladainha> .

Observações

<MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

As manifestações associadas à Festa das Cruzes do Guardão são a Festa do Corpo de Deus e a Festa de São Lourenço.

A procissão do Corpo de Deus, sessenta dias depois da Páscoa, é uma manifestação associada à Festa das Cruzes do Guardão porquanto inicia a preparação desta manifestação. É no dia do Corpo de Deus que os novos mordomos são empossados e começam a preparar a Festa. Como forma de agradecimento e de reconhecimento pela ajuda recebida aquando da expulsão dos mouros do Monte Cramol (ação que está na origem do ritual da Festa das Cruzes do Guardão), um grupo de pessoas do Guardão desce a Serra com a Cruz erguida e integra o cortejo até à Capela de Nossa Senhora do Campo, a 10 de agosto, dia de São Lourenço, em Campo de Besteiros.

Estas duas manifestações (a Festa do Corpo de Deus e a Festa de São Lourenço) estão associadas à Festa das Cruzes do Guardão.

Um pouco por todo o país, as festas das cruzes acontecem, sobretudo, a 3 de maio, com manifestações de culto e devoção à Santa Cruz, justificadas pelo pavor dos flagelos da agricultura. Embora com o mesmo nome, a Festa das Cruzes do Guardão não pode ser considerada nesta tipologia porquanto apresenta um ritual e uma motivação diferentes daquelas.

</MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

<CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

Na qualidade de entidade responsável pela iniciativa para a inventariação do processo da Festa das Cruzes do Guardão no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, em conformidade com o disposto no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 139/2009 de 15 de junho, a Câmara Municipal de Tondela considera encontrar-se cabalmente fundamentada a relevância desta manifestação cultural de acordo com os critérios genéricos de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10.º.

a) A IMPORTÂNCIA DA MANIFESTAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL ENQUANTO REFLEXO DA RESPECTIVA COMUNIDADE OU GRUPO

A Festa das Cruzes do Guardão (ou Festa da Ascensão) está intimamente ligada aos rituais da primavera e às dificuldades sentidas pelas gentes da Serra do Caramulo e do Vale de Besteiros ao longo dos repetidos períodos da ocupação e da reconquista cristã. Apesar de geograficamente separadas por uma escarpa abrupta na vertente oriental da serra, unem-se anualmente para cumprirem “a promessa antiga” feita pelos antepassados, assegurando a proteção dos campos que resultará em boas colheitas. Mais do que participarem num ritual, as quatro freguesias reforçam os laços de comunidade, de cooperação e de gratidão - valores que alicerçam esta comunidade alargada.

Os caminhos sinuosos do vale até à serra, ainda possíveis de traçar pela geografia da memória, não foram obstáculo para a união das gentes na celebração deste ritual que contribui para o reforço da coesão social de comunidades, grupos e indivíduos e reforça os profundos sentidos de pertença e de identidade.

Embora, quando questionadas sobre o motivo que as leva a participar nesta Festa, as pessoas refiram, maioritariamente, que se sentem compelidas a ir e a participar porque assim o fizeram os antepassados, esta manifestação é um garante da identidade local.

O envolvimento destas comunidades na preparação e realização da Festa permite-nos olhar para estas dinâmicas como a forma como esta sociedade se reconhece e como procura projetar o futuro, assente nos valores partilhados nesta manifestação: gratidão, lealdade, solidariedade e fraternidade.

b) OS PROCESSOS SOCIAIS E CULTURAIS NOS QUAIS TEVE ORIGEM E SE DESENVOLVEU A MANIFESTAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL ATÉ AO PRESENTE

A Festa das Cruzes do Guardão é uma manifestação religiosa de comunidades vizinhas que, coletivamente, cumprem, anualmente e desde tempos imemoriais, “a promessa antiga” de agradecimento à Nossa Senhora dos Milagres pela sua intervenção na expulsão definitiva dos mouros daquelas paragens. Com as cruzes enfeitadas com “o que a terra dá”, com grinaldas e com ouro, as comunidades de Castelões, de Santiago de Besteiros e de Campo de Besteiros percorrem o mesmo itinerário ancestral, da Capela de São Bartolomeu até ao Guardão, ao som das ladainhas, para o Abraço das suas cruzes com as cruzes do Guardão.

Nas imediações da Capela de São Bartolomeu, as freguesias de Santiago de Besteiros, de Campo de Besteiros e de Castelões tomam posição junto ao respetivo Marco do Encontro, munidas dos pendões, das lanternas e das cruzes enfeitadas, e recriam os passos dos seus antepassados quando foram em auxílio da comunidade do Guardão. Cada freguesia arma a procissão segundo a ordem predeterminada pela tradição e, na sua vez e ao som das ladainhas, dirige-se para a Capela de São Bartolomeu, entrando e saindo em direção ao Cruzeiro de São Bartolomeu. Aqui, com todos os participantes voltados para o Vale de Besteiros, os párocos que acompanham cada freguesia invocam o Salvador do Mundo e rogam por piedade, recebendo dos fiéis uma resposta em uníssono: “orai por nós”. Cumprido este ritual, cada grupo desarma a procissão e dirige-se para o Guardão, rearmando junto à Capela de São Sebastião.

No interior da Igreja Matriz do Guardão, a comunidade aguarda o toque do sino que avisa da chegada das cruzes da primeira freguesia ao cimo da calçada romana. Os mordomos, o padre, os cumpridores de promessas individuais e os fiéis saem em cerimónia ritual, elevando as suas cruzes ladeadas pelas lanternas, e vão ao encontro das outras cruzes. São os anfitriões e vão receber quem os visita. O Pároco do Guardão coloca a Capa de Asperges sobre os ombros do pároco que acompanha a freguesia, investindo-o do poder cerimonial. Entretanto, junto ao Marco do Abraço, tudo se prepara para o Abraço das Cruzes. O Marco do Abraço é uma pedra incrustada na calçada, já gasta pela repetição secular deste ritual. É sobre ela que os visitantes e os anfitriões, cada um na sua vez, apoiam as bases dos pendões e das cruzes para efetuarem o simbólico abraço sob uma chuva de pétalas de flores.

Depois deste longo cerimonial, todos os participantes, acompanhados pelo andor da Nossa Senhora dos Milagres e pela banda de música, integram a procissão que leva ao anfiteatro onde se realiza a Missa Campal e a Bênção dos Campos.

Como reminiscências dos rituais cíclicos de celebração da natureza, estas comunidades preparam a Festa das Cruzes com ladainhas preparatórias e rogações pelos campos, nos três dias que antecedem a Ascensão. São as chamadas Ladainhas Menores.

Nos últimos anos, temos assistido à renovação de algumas tradições associadas à Festa, adaptando-as às exigências e necessidades contemporâneas e procurando ter uma abrangência inclusiva e intergeracional. A iluminação festiva do Guardão e a programação e animação musical, bem como o recinto preparado para acolher toda a dimensão profana e lúdica são iniciativas que mantêm a Festa relevante e atrativa para as gerações mais jovens.

Também a produção de alguns documentos de âmbito académico e o interesse demonstrado pela RTP que elaborou um documentário sobre a Festa das Cruzes do Guardão têm contribuído para a valorização das suas práticas e significados culturais.

c) AS DINÂMICAS DE QUE SÃO OBJETO A MANIFESTAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Assente, fundamentalmente, no conhecimento empírico, as dinâmicas da Festa das Cruzes do Guardão vão passando de geração em geração, mantendo a sua essência e os momentos fundamentais que a estruturam, de acordo com o descrito na "Ficha de Património Imaterial". No entanto, o empenho destas comunidades para manter viva a tradição tem levado a algumas alterações no modo como é organizado, preparado e vivido o ritual. As dinâmicas contemporâneas e os constrangimentos que condicionam o modo como a festa é vivida têm sido objeto de reflexão por parte dos organizadores, em particular, e das pessoas, em geral. Na contemporaneidade, o ritmo dos dias já não é pautado pelo calendário agrícola e o crescimento das zonas industriais e dos serviços que empregam um número significativo de pessoas obriga a uma nova organização social.

A Quinta-Feira da Ascensão não é feriado nacional nem municipal: os operários estão nas

fábricas, os jovens estão na escola, os funcionários públicos estão nos serviços. Restam os mais velhos e os reformados com disponibilidade para participar nos vários momentos desta celebração. Esta constatação levou a que em 2022 a Festa das Cruzes do Guardão tenha sido celebrada no sábado seguinte à Ascensão e as Ladainhas Menores, de preparação, tenham sido ajustadas. Em Castelões, mantiveram as ladainhas nos três dias que antecedem a Ascensão (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira). No Guardão, passaram para os três dias que antecederam a celebração (quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira). Se, por um lado, não se notou alteração significativa no número de pessoas que participou nas ladainhas, por outro lado foi notório o facto de muitas pessoas, de diferentes idades, participarem nos vários momentos da Festa das Cruzes, no sábado. Normalmente impossibilitada de participar por deveres profissionais, muita gente viveu a manifestação pela primeira vez. Muitos jovens compareceram com cruces enfeitadas ou acompanharam os familiares e integraram as celebrações, o que já não acontecia há muito tempo. Esta alteração permitiu que a Festa das Cruzes do Guardão possa ser vivida de forma amplamente intergeracional e heterogénea.

d) OS MODOS EM QUE SE PROCESSA A TRANSMISSÃO DA MANIFESTAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL

A transmissão da Festa das Cruzes do Guardão, como acontece com outras manifestações do património cultural imaterial, ocorre principalmente de forma oral e prática, ou seja, através da transmissão de conhecimentos e técnicas de geração em geração por meio da observação e participação nas atividades da festa.

Transmissão oral: as tradições associadas à Festa das Cruzes do Guardão são transmitidas oralmente, através de histórias, lendas e relatos de experiências vividas pelos participantes e pelas comunidades locais.

Transmissão por observação e participação: a aprendizagem das práticas associadas à Festa é feita principalmente pela observação e participação nos rituais que são transmitidos de geração em geração por meio da prática. Através da participação nas atividades da festa, os seus significados e práticas culturais são transmitidos e mantidos vivos. Por exemplo, as técnicas de asseio das cruces são transmitidas informalmente, entre vizinhos e familiares.

Ensino formal: a Escola Básica 2, 3 do Caramulo e o Centro de Estudos e Interpretação da Serra do Caramulo têm um papel muito importante na salvaguarda do saber-fazer da Festa das Cruzes. Desde há alguns anos, as duas instituições trabalham em parceria para dinamizar projetos nos quais os alunos trabalham de forma interdisciplinar a temática da Festa das Cruzes do Guardão, chegando a assear uma cruz que integra o ritual, no dia da Ascensão.

Documentação e pesquisa: embora a Festa das Cruzes do Guardão surja referida em várias publicações, só nos últimos anos foi objeto de pesquisa académica que deu origem à publicação do livro “Festas das Cruzes e de Nossa Senhora do Campo: Memória(s) do Sagrado e do Profano” (2022), da autoria de Joaquim Calheiros Duarte. A candidatura da Festa das Cruzes do Guardão às Sete Maravilhas da Cultura Popular foi também um marco importante na valorização da manifestação, não só pela visibilidade que teve, mas pelo reforço da valorização local.

Meios digitais: a utilização de meios digitais, como vídeos, fotos e redes sociais, tem permitido a disseminação e a promoção da Festa das Cruzes.

e) AS AMEAÇAS E OS RISCOS SUSCETÍVEIS DE COMPROMETER A VIABILIDADE FUTURA DA MANIFESTAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL

A Festa das Cruzes do Guardão, enquanto manifestação do património cultural imaterial, enfrenta diversos riscos e ameaças à sua viabilidade futura.

O envelhecimento populacional e o despovoamento das regiões do interior do país (nomeadamente, das aldeias da Serra do Caramulo) podem levar à perda de conhecimentos, de técnicas e de saberes associados à Festa. Caso não sejam devidamente documentadas e divulgadas, algumas das tradições mais significativas, como são os casos das ladainhas e do asseio tradicional das cruces, podem ser perdidas/esquecidas ao longo do tempo.

As gerações mais jovens e urbanas têm revelado algum desinteresse por este tipo de manifestações, tornando-se assim difícil a sua inclusão na Mordomia do Senhor e a sua participação nas tarefas relacionadas com a organização da Festa.

A incompatibilidade profissional tem originado, igualmente, a falta de envolvimento de uma parte da comunidade local nos preparativos e na celebração da Ascensão, sendo este um fator que pode comprometer de forma severa a continuidade da Festa e a transmissão dos rituais às

gerações futuras.

Em 2022, a participação da freguesia do Campo de Besteiros contou com algumas dificuldades. O Pároco João Zuzarte, recém-chegado à paróquia, nunca tinha contactado com a Festa, não conhecia os rituais a ela associados, nem estava familiarizado com os itinerários. Percebeu, rapidamente, que este desconhecimento era transversal a uma parte substancial da população local, que apenas soube partilhar informações genéricas e pouco detalhadas. "Disseram-me que teríamos de andar à volta de uma capela, mas sem conseguirem precisar os gestos e o ritual" (Zuzarte, 2022). De facto, e com exceção dos mais velhos (a quem cabe geralmente a responsabilidade de organizar os preparativos indispensáveis para que a sua freguesia participe na Festa das Cruzes), a comunidade não tem consciência nem conhecimento dos rituais em causa, pelo menos ao nível de os conseguir transmitir com rigor. Há uma piedade popular que une as pessoas e que se traduz numa participação sociológica, isto é, as pessoas participam porque sempre o fizeram, mas não conhecem as raízes nem a tradição que sustenta aquela prática (Zuzarte, 2022).

Ainda no que toca à freguesia do Campo de Besteiros, é de salientar a existência de uma família que persiste detentora desse saber, conhecendo a globalidade dos rituais, desde as Ladainhas Menores até ao Abraço das Cruzes. No entanto, motivos pessoais fizeram com que, em 2022, não se registasse o seu envolvimento nos preparativos da Festa nem a participação na mesma. Para responder a este contratempo, e não comprometer a presença da freguesia, nos dias que antecederam a Festa, o Pároco João Zuzarte reuniu com os congéneres do Guardão e de Castelões e conseguiu apreender o ritual ao ponto de o repetir, no dia da Ascensão. Este caso concreto mostra-nos que a Festa das Cruzes, embora estando em estado ativo, está dependente de um conjunto reduzido de pessoas mais velhas que dominam os códigos e os rituais.

Por outro lado, se durante muitos anos a agricultura e a pastorícia foram as principais ocupações das gentes da Serra do Caramulo e do Vale de Besteiros, conferindo a esta Festa um significado ainda maior, hoje em dia, praticamente só os mais velhos se dedicam às atividades rurais. O Parque Empresarial de Tondela, constituído por empresas que se dedicam a várias áreas - nomeadamente a saúde, a avicultura e os componentes automóveis - absorve a mão-de-obra de famílias inteiras. Enquanto o ritual for associado à Bênção dos Campos e às rogações para um bom ano agrícola, e o seu cumprimento estiver associado a uma "promessa antiga" que muitos não entendem, o seu significado não encontrará significante no dia-a-dia dos mais jovens e das famílias mais urbanas.

Ainda assim, apesar das preocupações e dos constrangimentos acima relatados, não consideramos que esta manifestação se encontre em risco de desaparecimento, pelo menos nos curto e médio prazos.

f) AS MEDIDAS DE SALVAGUARDA PROPOSTAS PARA ASSEGURAR A VALORIZAÇÃO E A VIABILIDADE FUTURA DA MANIFESTAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL

As medidas de salvaguarda da Festa das Cruzes do Guardão seguem as orientações da Estratégia 21, elaborada pelo Conselho da Europa. As componentes sugeridas pela ET21 (social; territorial e económica; conhecimento e educação) estão integradas nas três dimensões que se seguem:

1. Identificação, Investigação e Documentação. Esta dimensão prende-se com a necessidade de criar conhecimentos à volta desta manifestação tão singular e que não tem merecido a atenção do mundo académico. Para isso, foram definidas as seguintes medidas:

- criação de uma bolsa para investigadores, incentivando o estudo académico desta manifestação, tanto nas áreas das ciências sociais e humanas, como das artes;
- divulgação e promoção das atividades científicas e técnicas através da edição de publicações, da realização de seminários e da partilha de conteúdos nas páginas oficiais do município;
- participação de Técnicos Superiores do Município de Tondela em seminários, conferências e jornadas, nacionais e internacionais, no âmbito do património cultural imaterial, com comunicações alusivas à Festa das Cruzes do Guardão.

2. Preservação, Proteção, Promoção e Valorização. Esta dimensão tem por objetivo intensificar e ampliar a participação da população, numa verdadeira ação de cidadania cultural. As medidas propostas emanam do conceito de democracia cultural, no qual os cidadãos se afiguram como sujeitos culturais ativos:

- realização de laboratórios de memória em torno desta manifestação, dinamizados pelo Museu Terras de Besteiros - Museu Municipal de Tondela;
- criação de um espaço dedicado à Festa das Cruzes, na exposição permanente do referido Museu,

com co-curadoria das comunidades que participam no evento;

- continuação do trabalho já iniciado, no que diz respeito à recolha de testemunhos, à gravação audiovisual do ritual e à documentação do enfeite das cruzes, para memória futura;
- criação de residências artísticas que coincidam com o período da Festa, por forma a criar material artístico que possa ser integrado no Roteiro das Cruzes (digitalmente), na arte pública, em exposições e performances.

No trabalho de preparação da candidatura desta manifestação ao INPCI, fez-se uma reunião com os atuais Mordomos do Senhor e, da discussão e reflexão feitas, saíram medidas de valorização e salvaguarda interessantes, capazes de colmatar algumas das dificuldades sentidas, nomeadamente: a inclusão de mulheres e de jovens na Mordomia do Senhor; e o aumento do número mordomos, através da inclusão de um elemento adicional por cada uma das três freguesias visitantes (fomentando assim um maior sentido de pertença e uma maior responsabilização por parte de todos os envolvidos).

Do encontro com os párocos destas freguesias, também resultou o compromisso de adotarem algumas medidas de valorização e de salvaguarda, a saber: encontros de preparação da Festa, também a nível espiritual, refletindo sobre os valores e os princípios que a manifestação convoca; incluir a festa e os seus valores nas atividades da catequese e no Plano Pedagógico do Catecismo. Há, por parte de todos, a clara consciência de que a promoção da Festa pode aumentar a sua visibilidade e relevância, tanto no seio das comunidades locais como no âmbito dos visitantes e/ou turistas. Por conseguinte, em articulação com o Turismo Centro de Portugal, será criado um programa para promover a Festa das Cruzes nos roteiros de turismo religioso, turismo cultural e turismo de natureza. Contudo, este programa deverá ter a preocupação de proteger a Manifestação, a sua autenticidade e integridade cultural, não permitindo de forma alguma que seja banalizada ou descaracterizada.

3. Transmissão (educação formal e não formal). É importante promover a educação e a consciência sobre a importância da Festa das Cruzes do Guardão como património cultural imaterial, envolvendo as comunidades locais, as escolas e as IPSS's - Instituições Particulares de Solidariedade Social - na sua promoção e preservação:

- prevê-se a criação de Programas de Educação Patrimonial, promovidos pelo serviço educativo do Museu Terras Besteiros e pelos serviços de animação social das IPSS's do concelho, visando o ensino e a transmissão de conhecimentos e de práticas culturais associadas à Festa;
- numa parceria com o Instituto Politécnico de Viseu, será criado um Jogo de Descoberta (nos formatos jogo de tabuleiro e gaming);
- o Município de Tondela, em conjunto com os parceiros educativos, está a elaborar a revisão da Carta Educativa, adequando-a ao Projeto Educativo Municipal. Este é o momento propício para discutir ofertas curriculares de base local. Assim, prevê-se que a Festa das Cruzes do Guardão possa fazer parte dos conteúdos programáticos do Ensino Básico (componente currículo local) sendo a participação na Festa um dos momentos do processo de ensino e aprendizagem onde serão trabalhados conteúdos de língua portuguesa, história, geografia, artes visuais, cidadania, bem como valores transversais a outras disciplinas.

A viabilidade futura da Festa das Cruzes e das restantes manifestações do património cultural imaterial do concelho passa, desde logo, pela capacitação para o exercício da cidadania cultural esclarecida e participada. Por isso, as medidas aqui apresentadas assentam na ideia de que a salvaguarda do património é da responsabilidade de todos; é um bem comum que, ao ser devidamente protegido, reforça o sentido de pertença. Por conseguinte, importa conhecê-lo e preservá-lo, mas também questioná-lo, reinterpretá-lo e recontextualizá-lo.

g) O RESPEITO PELOS DIREITOS, LIBERDADES E GARANTIAS E A COMPATIBILIDADE COM O DIREITO INTERNACIONAL EM MATÉRIA DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

A Festa das Cruzes do Guardão é uma manifestação de matriz católica, mas que respeita a liberdade de culto religioso e tem procurado ser um evento inclusivo, a todos os níveis. A manifestação, no seu todo e nos vários momentos que a compõem, respeita os direitos, liberdades e garantias instituídos na lei nacional e na lei internacional.

h) A ARTICULAÇÃO COM AS EXIGÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E DE RESPEITO MÚTUO ENTRE COMUNIDADES, GRUPOS E INDIVÍDUOS

O respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos é um dos valores primordiais que dá sentido a esta manifestação, traduzido no cumprimento da “promessa antiga”.

Na semana que antecede a celebração, é notória a azáfama nas quatro freguesias e as práticas integrantes da manifestação são um pretexto para consolidar a solidariedade e a entreaajuda entre as pessoas e as comunidades.

Esta manifestação cultural é composta por práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que são transmitidos de geração em geração e que são importantes para a identidade cultural destas populações. A sua salvaguarda, estudo e valorização adquirem um papel relevante na promoção do desenvolvimento sustentável, fomentando a diversidade cultural, a inclusão social e a sustentabilidade ambiental.

A importância da sua salvaguarda sobressai ainda: ao nível do turismo cultural sustentável, oferecendo aos visitantes uma experiência autêntica da cultura local, valorizando a tradição e incentivando a economia local; ao nível ambiental, por assentar na gestão sustentável e partilhada dos recursos naturais; ao nível da preservação da memória e da identidade cultural da comunidade, por garantir a sua continuidade e evitar a perda de conhecimentos e práticas culturais únicas.

A Festa das Cruzes do Guardão pode ser entendida como uma visão humanista e integrada das principais dimensões do desenvolvimento sustentável.

</CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

<PATRIMONIO_CULTURAL>

A Festa das Cruzes do Guardão faz parte da paisagem cultural da região, que inclui outros elementos do património cultural móvel e imóvel, material e imaterial. É a sua continuidade que tem alavancado a reabilitação do património arquitetónico ligado às ladainhas e ao cerimonial do Abraço, de que são exemplos: a reabilitação da Capela de São Sebastião; a reabilitação da Capela de São Bartolomeu; a requalificação do recinto exterior da Igreja Matriz do Guardão (adro, espaço de convívio e de lazer, Casa do Pároco) e a construção de um recinto coberto para a celebração da Missa Campal, em dia da Ascensão.

Como foi demonstrado anteriormente, a Festa das Cruzes é um caso exemplar da capacidade humana de preservar e transmitir tradições e saberes ao longo do tempo, e é um testemunho da riqueza cultural da região centro de Portugal, em geral, e do Caramulo e de Tondela, em particular.

No contexto do distrito de Viseu, esta Festa destaca-se pela sua originalidade; por ser uma manifestação cultural singular que envolve uma técnica artesanal única na região: o asseio das cruzes com ouro e joias. As práticas e as expressões orais, os rituais, o conhecimento e as técnicas relacionadas com a natureza e com o asseio das cruzes estão intimamente ligados à história e às tradições da comunidade, refletindo o modo de vida, a religiosidade e a identidade cultural dos seus habitantes.

Esta manifestação representa, de facto, um exemplo vivo de património cultural imaterial que, através da sua celebração anual, perpetua as tradições e a identidade de um conjunto de quatro freguesias.

</PATRIMONIO_CULTURAL>

<PATRIMONIO_NATURAL>

Nesta região, a paisagem cultural é marcada pela presença de montanhas, vales, rios e florestas, que influenciam a forma como as comunidades locais vivem e interagem com o meio ambiente. Essa relação entre o Homem e a natureza reflete-se nas rogações deambulatórias (as ladainhas), nos ornamentos naturais usados para o enfeite das cruzes e para criar os tapetes e passadeira de flores, e nos valores humanistas que sustentam esta manifestação: a entreaajuda, a solidariedade, a partilha, a comunhão, a gratidão e o respeito. O asseio das cruzes, um dos aspetos mais significativos do saber-fazer desta festividade, é uma prática que remonta ao passado e que está associada à devoção religiosa, mas também à

valorização da natureza e das tradições da região.

As flores e os elementos decorativos utilizados nesta celebração são colhidos na encosta da Serra do Caramulo e no seu vale, o que destaca a relação da Festa com o ambiente natural e a paisagem envolvente. Dessa forma, a Festa das Cruzes do Guardão é um elemento importante na construção da paisagem cultural da região, contribuindo para a preservação e valorização das tradições, crenças, conhecimentos e práticas da comunidade local.

</PATRIMONIO_NATURAL>

<ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

Nos últimos anos, a Festa das Cruzes do Guardão tem recebido algum interesse por parte do universo académico e foi tema da dissertação de mestrado de Joaquim Calheiros Duarte, em 2019, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o título “A religiosidade entre o Vale de Besteiros e a Serra do Caramulo: memória(s) do sagrado e profano”. Sabendo que a Serra do Caramulo possui um elevado potencial ao nível do turismo de natureza, e consciente da importância da Festa das Cruzes para o reforço da identidade e da coesão territorial, o Município de Tondela criou o “PR3 - Rota das Cruzes”, um percurso pedestre que abrange e valoriza alguns dos espaços mais emblemáticos desta manifestação patrimonial. No entanto, foi o trabalho desenvolvido para este pedido de inventariação no INPCI que permitiu a definição de uma estratégia mais coerente de valorização e de salvaguarda, sobretudo na sua relação com a “Identificação, Investigação e Documentação”, tal como ficou explícito no campo “Critérios genéricos de apreciação”.

É intenção do Município de Tondela promover uma investigação holística, que integre as ciências sociais e humanas e as perspetivas do conhecimento local e tradicional. Para isso, incentivará a abordagem da ciência da sustentabilidade como investigação tanto sobre sustentabilidade como para a sustentabilidade; ou, por outras palavras, como um processo bidirecional que engloba o estudo e a compreensão de sistemas socio-ecológicos complexos, por um lado, e os mesmos conhecimentos orientados para a conceção de ações em prol da sustentabilidade, por outro lado.

</ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

<ENTIDADE_REQUERENTE>

O Município de Tondela assumiu que o conhecimento, a salvaguarda e a valorização do seu património cultural, natural e humano são essenciais para uma tomada de decisão eficaz no que diz respeito à sustentabilidade, uma vez que os sistemas culturais, ambientais e sociais se encontram intimamente relacionados entre si.

O referido Município reconhece que, para enfrentar com eficácia os desafios globais, deve privilegiar as soluções de âmbito local, enraizadas em processos de transformação social, económica, institucional e cultural. Para que isso seja concretizável, procura assumir uma política inclusiva centrada no ser humano, que conecta os diversos intervenientes e agentes locais, promovendo uma ação transformadora e uma mudança sustentável que parte do nível local para o regional, e deste para o nacional.

A valorização da Festa das Cruzes do Guardão e a sua integração no INPCI é uma medida essencial para atingir os objetivos desta estratégia.

Por outro lado, há uma relação umbilical, conceptual e estratégica estabelecida entre as políticas culturais e as políticas de valorização dos territórios, apontada em todos os documentos orientadores de nível regional, nacional e internacional. O património material, imaterial e natural de uma comunidade, as suas identidades culturais e mnemónicas, constituem importantes fontes de afirmação, de inspiração e de coesão, aspetos ainda mais importantes quando compreendemos que tais comunidades estão cada vez mais sujeitas à forte pressão e erosão de um mundo global e globalizante.

Deste modo, a estratégia cultural do Município de Tondela está alinhada com os documentos

estratégicos orientadores: Convenção de Faro do Conselho da Europa; Estratégia 21 do Conselho da Europa; Agenda 2030 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis; Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica de Portugal 2020-2030, de António Costa e Silva; Visão Estratégica para a Região Centro 2030, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro; Estratégia Regional de Cultura do Centro 2030, da Direção Regional de Cultura do Centro.

</ENTIDADE_REQUERENTE>

<ACTIVIDADES>

Consciente de que as pessoas são o seu principal património, o Município de Tondela tem vindo a desenvolver um conjunto de ações e de projetos que valorizam a paisagem humana do concelho. Recentemente, iniciou uma estratégia de valorização e de promoção dos caminhos e das aldeias da Serra do Caramulo, podendo salientar-se os seguintes pontos:

INTEGRAÇÃO DA ALDEIA DE JUEUS NA REDE ALDEIAS DE PORTUGAL

O projeto Aldeias de Portugal é uma rede nacional de pequenas localidades turísticas situadas em espaço rural e que mantêm uma vivência quotidiana acentuada, visível nas suas atividades económicas e culturais. Criada pela Associação de Turismo de Aldeia, o objetivo desta rede é disponibilizar destinos alternativos e sustentáveis, aliados a uma programação cultural que remeta para as raízes rurais de Portugal e que tenha um impacto positivo nas comunidades locais ao nível do desenvolvimento económico, ambiental, social e cultural.

O Município de Tondela, conjuntamente com a ADICES - Associação de Desenvolvimento Local, abriu o processo de candidatura da aldeia de Jueus, tendo o mesmo ficado concluído em julho de 2022, com a assinatura do protocolo de adesão.

Aderir a este projeto significa, antes de mais, demonstrar vontade e capacidade para executar um plano de desenvolvimento plurianual para a aldeia de Jueus. Esse plano é constituído por um conjunto de ações culturais e desportivas, a executar pela comunidade local, e cujo objetivo é atrair visitantes e turistas numa dinâmica de experiências imersivas sustentáveis em contraponto ao turismo de massas.

PROJETO ALDEIAS DA SERRA DO CARAMULO

O projeto Aldeias da Serra do Caramulo pretende criar uma marca territorial intermunicipal assente na criação de uma rede de aldeias serranas com particular interesse ao nível do edificado e do património natural e cultural, interligando-as depois por uma grande rota pedestre (com cerca de oitenta quilómetros) e por uma rota ciclo-turística, com ligação às ecopistas do Vouga e do Dão.

Neste contexto, pretende-se não só proceder à recuperação e à valorização arquitetónica das aldeias, mas também criar produtos turísticos apelativos, estimular a economia local e fomentar o turismo sustentável.

Este projeto envolve os municípios de Tondela, de Vouzela e de Oliveira de Frades e é executado no âmbito da CIMVDL - Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões. Encontra-se, neste momento, em fase de desenvolvimento, prevendo-se que os percursos supracitados estejam em condições de ser disponibilizados ao público em finais do ano de 2023.

CAMINHOS DE SANTIAGO

Os Caminhos de Santiago atravessam o concelho de Tondela de duas formas. Uma, é através do Caminho Português Interior, o qual, vindo de Coimbra, percorre o Vale de Besteiros em direção a Viseu/Chaves. Trata-se de um projeto que envolve os municípios atravessados por este trajeto numa ação comum cujo objetivo é dar a conhecer o antigo caminho romano e/ou medieval percorrido pelas peregrinações a Santiago de Compostela, bem como o património cultural, artístico, arquitetónico, etnográfico e paisagístico das diversas regiões, aliando-se a peregrinação de cariz religioso e espiritual ao turismo de cariz cultural.

Em segundo lugar, os Caminhos de Santiago estão também presentes no concelho de Tondela

através do percurso de ligação ao Caminho Central Português, o qual, a partir de Santiago de Besteiros, sobe e atravessa a Serra do Caramulo em direção a oeste. Esta travessia serrana passa, não apenas pela povoação do Guardão, como pelo próprio recinto da sua Igreja Matriz. Dizem os historiadores que esta ligação poderá decalcar, em parte, a estrada romana que, vinda de Idanha e de Bobadela, entrava no atual concelho de Tondela por Ferreirós do Dão e seguia para a Serra do Caramulo via Tonda, Tondela, Campo de Besteiros, Santiago de Besteiros e Guardão.

LOUÇA PRETA DE MOLELOS

O Município de Tondela, na sua estratégia de valorização e de salvaguarda do Património Cultural Imaterial, está a preparar, em simultâneo, outra candidatura ao INPCI: referimo-nos ao pedido de inventariação da louça preta de Molelos.

</ACTIVIDADES>